

Idas e vindas de uma família lutadora e perseverante do semiárido brasileiro em busca de seus sonhos e conquistas



Dona Rivailda Silva Santos, que também é conhecida como Dona Riva, casada desde 1981 com o Sr. José Ferreira dos Santos, conhecido na comunidade como Seu Zé, mãe de Kelivânia Silva dos Santos (Keli) de 25 anos, e avó de Lucas Santos Soares da Silva, de 11 anos, mora com sua família na comunidade Sítio Serra da Onça, em Frei Miguelinho, no Agreste Setentrional de Pernambuco. Hoje a família de Dona Riva vive basicamente dos serviços que realiza no segmento de confecção de roupas por estar muito próxima do polo de confecções do Estado de Pernambuco, produzindo moda feminina à base de jeans. Também conseguem obter renda nos serviços temporários que o Seu Zé executa como pedreiro e

outros serviços que na região são conhecidos como “trabalho alugado”. A experiência de Seu Zé na área de pedreiro foi adquirida durante o período que trabalhou no Recife exercendo esse ofício em diversas empresas que por lá passou. Já em sua propriedade, conseguem produzir os alimentos que consomem durante boa parte do ano, mesmo com a dificuldade de acesso a água, eles armazenam em pequenos recipientes como tambores e garrafas pets, a água utilizada para produção, tanto de animais, como de vegetais, mesmo sendo uma quantidade de água insuficiente para todo o período de estiagem. A variedade é bem satisfatória, passando por animais de pequeno e médio porte, como: aves, caprinos e ovinos,



assim como vegetais: frutas (ciriguela, banana, pitanga, goiaba, graviola, caju etc.), verduras, legumes e grãos (couve, coentro, cebolinha, salsinha, hortelã, pimentão, berinjela, tomate, repolho, milho, feijão). Toda essa diversidade fica comprometida por conta da falta de estrutura de armazenamento de água, desafiando a família a se reinventar a cada ano para superar esta situação que, por sua vez, é bastante comum na região em que vivem. *“Aqui a cada dia é um desafio para a gente conseguir produzir alguma coisa, por conta da falta de água que nós temos todos os anos, aí nós juntamos água onde conseguimos para poder utilizar no verão, e as garrafas pets é uma das maneiras mais fáceis que conseguimos fazer isso”,* relata Dona Riva.

Assim que casaram, Dona Riva e Seu Zé foram viver em casa de parentes, na mesma comunidade, pois não tinham sua própria terra para poder construir sua casa e estabelecer sua família. Nesse período eles tiveram que conviver com uma realidade já bastante comum na região: o marido precisou ir trabalhar em construtoras em Recife para poder manter

o sustento da família. Isso durou cerca de 05 anos, entre 1981 e 1985, e ele vinha em casa a cada quinze dias. Durante esse tempo, Dona Riva ficava responsável em cuidar dos animais e da roça e contribuía com os trabalhos de casa, mesmo não sendo a sua ainda. Em 1985, diante das dificuldades da época, eles decidiram ir pra Recife. Foram para a casa da mãe de Dona Riva, e lá ficaram até 1990, quando conseguiram um terreno cedido pela prefeitura de Abreu e Lima, sendo que tiveram que construir rapidamente sua casa, pois outras pessoas poderiam se apossar do terreno. Ela passou a trabalhar de cuidadora de criança nas casas de pessoas que a contratavam, mas era sempre trabalhos informais e isso só fazia aumentar



sua vontade de ser mãe. Depois de um certo tempo Dona Riva já começava a ficar descrente se seria capaz de engravidar, pois desde do início do casamento ela tinha muita vontade de ter um filho ou filha. Os anos se passaram e ela não conseguia engravidar, porém este desejo só veio se realizar no ano de 1992 com a chegada da tão esperada filha, a Kelivânia. A partir daí os desafios naturais da vida aumentaram colocando Dona Riva e Seu Zé numa situação difícil, além de ter a necessidade de melhorar as condições da casa em que moravam para a



chegada da filha amada. Para isso ela passou a fazer lanches diversos para Seu Zé vender no seu local de trabalho e dessa forma fizeram a primeira reforma da casa com muito esforço e dedicação. *“Eu trabalhava muito e dormia, muitas vezes, 04 horas por dia para dar conta da casa e dos lanches que fazia para Zé vender”,* relembra Dona Riva. Com o dinheiro que era fruto do seu trabalho, ela comprava os materiais para a construção (melhoria) da casa, enquanto que Seu Zé utilizava os recursos que conseguia do seu trabalho para alimentação e outras despesas da família. A produção de lanches de Dona Riva vai até 2002, quando Seu Zé para de trabalhar de carteira assinada e ela perde seus clientes. No ano seguinte eles decidem retornar para Frei Miguelinho, vendem sua casa em Abreu e Lima no final de 2003, já acertam a compra de um pequeno sítio em sua cidade, retornando no começo de 2004. Tiveram algumas dificuldades com documentação do local, mas mesmo assim efetivaram a compra. No ano seguinte conseguiram sua cisterna de consumo, fato que marcou suas vidas no que se refere a segurança alimentar para os períodos sem este bem tão precioso que é a

água. *“A maior dificuldade aqui é a de armazenar água, pois água é tudo”,* reforça Dona Riva. Cuidaram rapidamente em minimizar o problema da produção de alimentos utilizando todos e quaisquer recipientes que pudessem armazenar água, tudo para garantir produção de alimentos durante os períodos mais secos do ano, mas mesmo assim viam que seus esforços não dariam conta das necessidades de água para a produção.

Em articulação com outros moradores da região em que vivem, conseguiram acessar o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), desenvolvido pela Articulação do Semiárido (ASA) e executado pela Associação de Agricultores e Agricultoras Agroecológicos de Bom Jardim (AGROFLOR), que contemplou a família de Dona Riva com uma cisterna calçadão onde, segundo ela, atenderá suficientemente bem sua produção nos períodos mais críticos de estiagem. A localização da horta está do lado do calçadão onde a família já pretende ampliar sua produção e, conseqüentemente, aumentar a variedade já produzida. *“Agora a utilização das garrafas pets não será mais necessária, eu acho, pois com essa cisterna teremos água suficiente para produzir nossas verduras durante o ano todo”,* fala Dona Riva. Além da cisterna, também foi construído, como caráter produtivo, um galinheiro que ajudará na produção das aves que a família já faz hoje de forma avulsas, sendo vendidas para atravessadores (compradores da região que, na maioria das vezes, compram com valores bem abaixo do mercado e revendem com lucros exorbitantes), e com o dinheiro que ganhavam compravam as



de granja de qualidade muito inferior as que tinha no próprio quintal. Agora com essa nova estrutura eles poderão criar as galinhas presas no galinheiro e ter um controle maior da criação, tanto para consumo da família, quanto para a comercialização.

Toda essa construção da estrutura familiar que Dona Riva vivenciou juntamente com seu marido, Seu Zé, tornou muito mais valiosa cada conquista, sendo possível olhar para traz e perceber que as dificuldades que tiveram só serviram para fortalecer ainda mais as convicções que eles têm o que realmente os fazem felizes. Hoje, Kelivânia já é mãe e presenteou Dona Riva e Seu Zé com um neto maravilhoso chamado Lucas (11 anos), que participa de forma muito ativa das conquistas atuais e futuras da família.

